

Georgien.
São Paulo, 2001

ALEX FLEMMING E O SEXO ALÉM DO ESPETÁCULO

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA
ABCA/ SÃO PAULO

RESUMO: O texto analisa como, na arte contemporânea, o sexo ultrapassa o espetáculo e se torna linguagem crítica, capaz de produzir sentido, interpelar o público e revelar tensões sociais. O corpo é tratado como dispositivo político e simbólico, expondo normas, violências e desejos. A obra de Alex Flemming é destacada como exemplo dessa abordagem: desde os anos 1970, o artista explora o corpo como superfície de inscrição e território de afetos, utilizando o erotismo como elemento estético e político. Sua produção articula texto e imagem, fragmentação e intensidade cromática, transformando o sexo em operador crítico que denuncia repressões, afirma novas formas de desejo e identidade, e expõe o corpo como arena simbólica. Em síntese, Flemming mostra que o sexo, longe de ser mera ilustração, é um território político, estético e simbólico fundamental para compreender a densidade e relevância de sua arte.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; erotismo; identidade; arte contemporânea; Alex Flemming.

ABSTRACT: The text analyzes how, in contemporary art, sex goes beyond spectacle and becomes a critical language, capable of producing meaning, engaging the audience, and revealing social tensions. The body is treated as a political and symbolic device, exposing norms, violence, and desires. The work of Alex Flemming is highlighted as an example of this approach: since the 1970s, the artist has explored the body as a surface of inscription and a territory of affects, using eroticism as both an aesthetic and political element.

KEYWORDS: body; eroticism; identity; contemporary art; Alex Flemming.

INTRODUÇÃO

Na prática artística contemporânea, o sexo está para além do espetáculo. Sem renunciar ao impacto visual ou à provocação imediata, ele passa a operar como linguagem, isto é, como um modo de produzir sentido, organizar a experiência estética e interpelar o público. Ao invés de se limitar à exibição do corpo ou à representação explícita do ato, a arte atual mobiliza a sexualidade como estrutura discursiva: o dueto arte-sexo molda gestos, materiais, espacialidades, temporalidades e relações subjetivas que permeiam as obras.

O corpóreo, então, surge como dispositivo que manifesta normas, constrói tensões, expõe vulnerabilidades e reconfigura possibilidades de existência. Por sua vez, a sexualidade torna-se ferramenta de leitura e escrita do mundo, capaz de revelar mecanismos de controle, denunciar violências, afirmar identidades e, sobretudo, propor novas formas

de convivência e desejo. Nesse deslocamento, o íntimo assume dimensão política, e o erotismo deixa de ser espetáculo para tornar-se meio, onde se negociam sentidos, afetos e modos de vida.

Nesse contexto, o sexo abandona o âmbito do instinto e desloca-se para o simbólico, revelando como corpos, desejos e limites são construídos socialmente. Quando um artista contemporâneo aborda o tema, ele pode jogar luzes sobre a anatomia ou a intimidade, mas, igualmente, desvela o poder, a identidade, as normas culturais, a violência, a liberdade e a susceptibilidade. O sexo, então, deixa de ser um ato privado e converte-se em espelho público – um território onde a sociedade se mostra, se contradiz e se reinventa. Deixa de ser tema representado e passa a ser ferramenta voltada às discussões sobre poder, subjetividade e direitos.

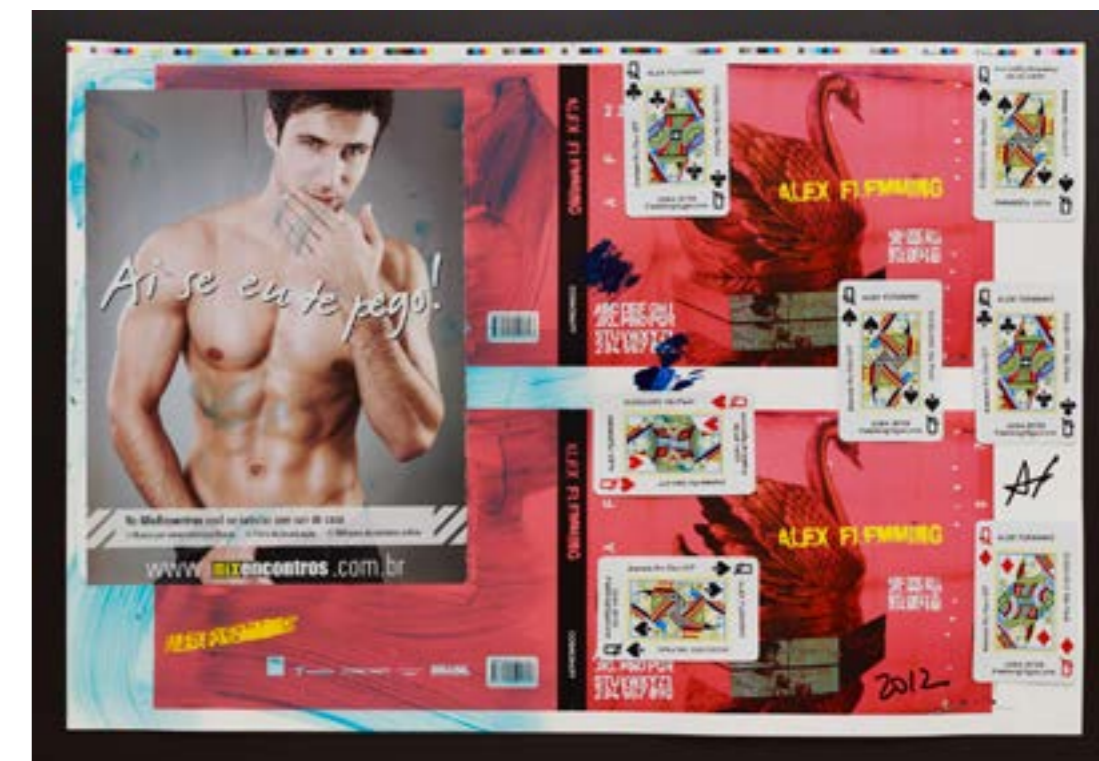
O percurso de Alex Flemming (São Paulo, 1954) pode ser visto como uma recorrente tentativa de devolver ao corpo sua espessura semiótica

e histórica – nessa trajetória, o sexo surge como ato e, ainda, como campo expandido onde matéria, desejo e linguagem se contaminam. Aqui, temos dois pontos para o presente exercício de reflexão: 1) como suas obras comunicam o sexo – essa categoria biológica, identitária e simbólica?, e 2) como suas proposições acionam os debates sobre o sexo no contemporâneo?

O artista, desde os anos 1970, recusa a assepsia conceitual que dominou parte da produção brasileira. Insiste em uma visualidade que secciona, mescla e pulsa. Seu trabalho não se limita a representar o corpo: ele o convoca como superfície de inscrição, como território político e como instrumento de afetos. Algumas obras das séries iniciais, como, por exemplo, *Natureza-morta* (1978), têm o órgão genital masculino colocado em evidência, revelando, simultaneamente, fragilidade e desejo. O erotismo surge como elemento estético e político, expondo a sexualidade reprimida adjacente ao controle social.



Série *Natureza Morta*
(contra a tortura)



Sem Título_Untitled.
São Paulo, 2012



Narciso_Narcissus.
São Paulo, 2011



Abandono_Abandonment.
Berlim, 1998



*Auto Retrato com Eduardo Melo
ou Dois Gays na Sicília.*
Berlim, 2008

Sem Título_Untitled.
São Paulo, 2004



“O CORPO APARECE COMO SUPORTE DE DESEJO, MAS TAMBÉM COMO GEOGRAFIA DE VIOLÊNCIA E REPRESSÃO”

Nos anos 2000, particularmente, na série *Body Builders*, Fleming explora o corpo em sua dimensão erótica e política, transformando-o em território de disputa e de expressão. O corpo aparece como suporte de desejo, mas também como geografia de violência e repressão - conflitos existentes na Índia, Somália, Turquia e Paquistão estão ali presentes. O uso de letras é algo recorrente em sua obra e se insere como domínio de significados. Palavras e frases são integradas às imagens, ora como comentário, ora como incitação, estabelecendo uma relação direta entre texto e figura. Essa fusão entre escrita e imagem reforça o caráter conceitual de sua produção, aproximando-a da tradição da arte *pop* e da arte conceitual, mas sempre com um viés pessoal.

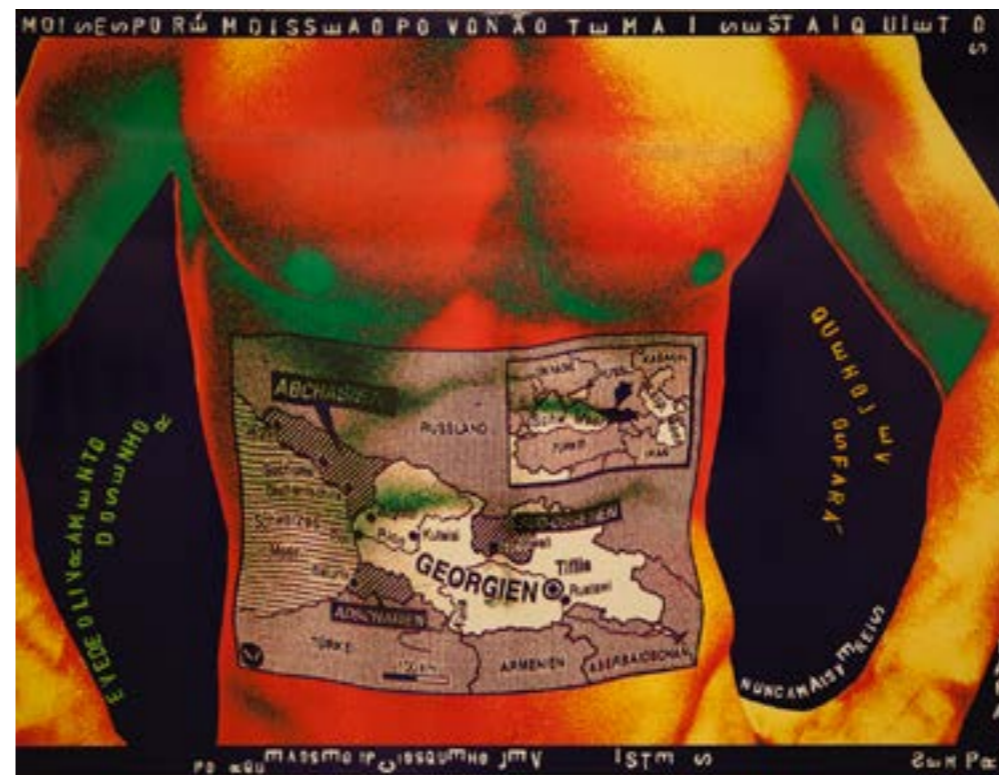
Nessa visualidade, o nu masculino torna-se dispositivo reflexivo. As representações femininas, por sua vez, surgem como raras exceções, como se observa nas obras *Zehn Tausende Flüchtlinge* (São Paulo, 2003) e *Sem título* (São Paulo, 2004). A presença pontual dessas figuras femininas reforça, por contraste, a ênfase deliberada no masculino como esfera de problematização, sugerindo que sua recorrência não é casual, mas parte de uma estratégia discursiva que reorganiza hierarquias visuais e desafia convenções arraigadas.

Ao representar homens musculosos e expostos, o artista não se limita à celebração da anatomia: ele tensiona os códigos ocidentais que regulam a masculinidade e a sexualidade; confronta as construções históricas de gênero nas quais o masculino tradicionalmente é associado à força e à virilidade. O homem é deslocado para um lugar objetificado - o alvo do *voyeur*.

“O DESEJO HOMOSSEXUAL APARECE COMO UMA CHAVE CRÍTICA PARA PENSAR AS INSCRIÇÕES CULTURAIS”

A nudez, nesse contexto, transborda a exibição e recai sobre a linguagem que interroga normas sociais, expõe repressões e abre espaço para novas formas de desejo. A visualidade do artista, marcada pela intensidade cromática, pela fragmentação e pela fusão entre texto e imagem, transforma o nu masculino: um organismo que transpira, sangra e se inscreve como disputa. Assim, o artista reconfigura a percepção do erotismo, preocupando-se menos com a potência física e mais com a capacidade de revelar contradições ou, ainda, mostrar os mecanismos de controle que resvalam sobre a sexualidade contemporânea.

O desejo homossexual aparece como uma chave crítica para pensar as inscrições culturais. Ao deslocar o erotismo masculino para o centro de sua visualidade,



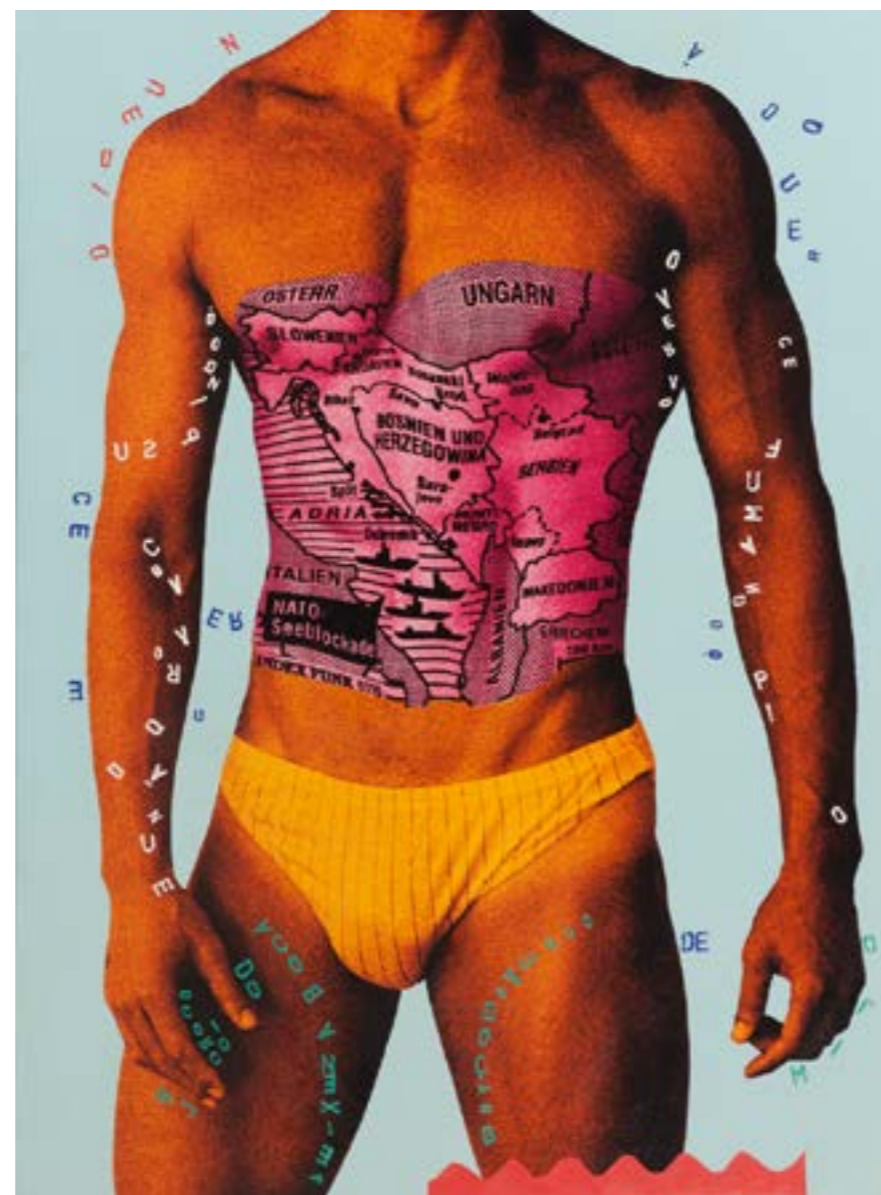
Georgien.
São Paulo, 2001



India x Paquistão_
India x Pakistan.
São Paulo, 2001



Lutador. 2010

Nato Seeblockade.
São Paulo, 2001

o artista tensiona os limites da representação que historicamente invisibiliza ou marginaliza a homoafetividade. O desejo entre homens não é tratado como exceção ou tabu, mas como potência estética: ele emerge nas colagens, nas sobreposições de imagens e palavras, e na exposição de organismos fortes e, simultaneamente, vulneráveis.

Nesse sentido, Flemming transforma o desejo homossexual em linguagem – uma forma de interrogar normas de gênero, denunciar violências e afirmar identidades dissidentes. O masculino erotizado e fragmentado é convocado como símbolo. Nele, prazer e política se entrelaçam. Assim, sua obra representa o desejo, mas também inscreve a força criativa e crítica, capaz de revelar contradições e propor novas formas de convivência e liberdade.

Ainda na década de 2000, o emprego da pintura sobre roupas pode ser compreendido como uma

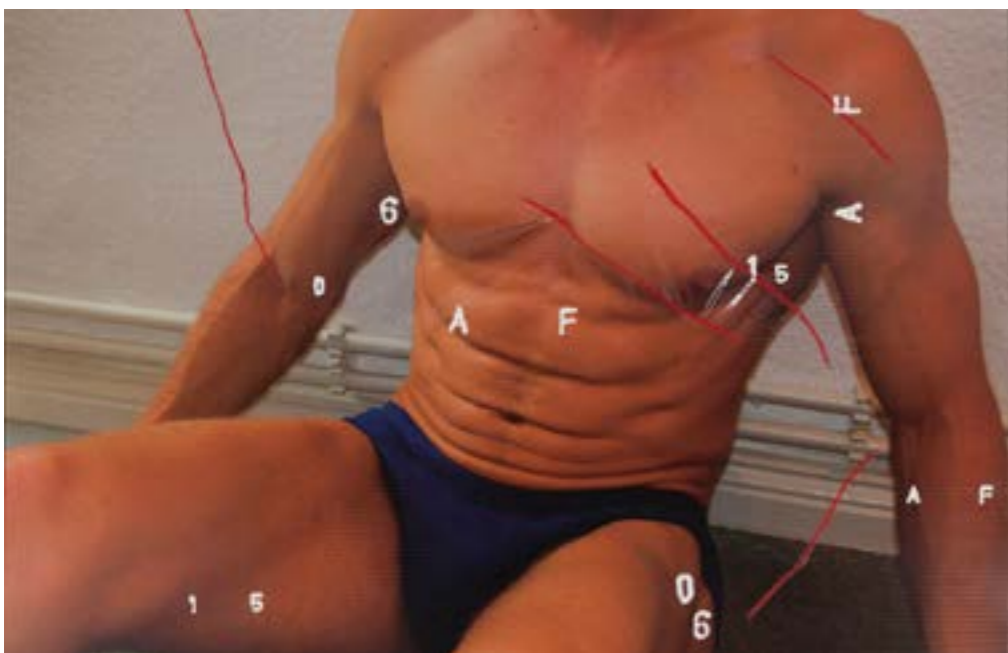
extensão do seu diálogo sobre o sexo. Suas cuecas são, sobretudo, autorreferências. Ao intervir diretamente em vestimentas, o artista desloca o suporte tradicional da pintura para um objeto cotidiano que recobre e regula o corpo, transformando-o em superfície crítica. A roupa, que culturalmente funciona como barreira de pudor e instrumento de normatização social, torna-se inscrição, na qual o desejo e a identidade se manifestam.

Nesse gesto, o artista tensiona a relação entre pele e tecido, entre nudez e cobertura, revelando como o sexo é intermediado por códigos culturais. A pintura sobre roupas, portanto, adorna e desestabiliza: expõe a fragilidade das fronteiras entre público e privado, entre erotismo e repressão, convertendo o vestuário em metáfora da própria condição sexual – permeável, marcada por tensões e aberta à reinvenção.

Nas colagens – como, por exemplo, nas inúmeras datadas dos

anos de 2010 –, o uso de letras e o apelo ao corpo constituem elementos estruturantes de sua linguagem artística. Elas aparecem como recurso de fragmentação e recomposição de imagens, criando tensões visuais que dialogam com a multiplicidade de sentidos do ser humano. Funcionam como montagem crítica, em que diferentes referências culturais se sobrepõem, revelando carga simbólica.

Mais do que técnica, as colagens expõem o desejo sexual: aquele que não se apresenta de forma linear ou homogênea, mas como mosaico de experiências, memórias e estímulos que se reorganiza constantemente. Ao romper com a unidade da imagem, o artista cria conexões a partir do encontro inesperado de partes – e, nesse gesto, o prazer emerge da fricção entre elementos aparentemente desconexos. Assim, pode-se propor que as colagens constituem uma estética do desejo, em que a fragmentação não é falta, mas potência criativa.



Sem Título_Untitled.
São Paulo, 2006



Sem Título_Untitled.
Berlim, 2000

“ELE EXPÕE O QUE É REPRIMIDO, NÃO PARA ESCANDALIZAR, MAS PARA REVELAR O QUANTO O DESEJO É POLÍTICO”

Sua experiência internacional reforça esse gesto. Não à toa o título de suas obras assinala o local da produção - São Paulo, Berlim. Ao deslocar-se entre Brasil e Alemanha, Flemming absorve e devolve tensões culturais distintas sempre filtradas pela mesma obsessão: o corpo como lugar de confronto. Em suas obras, o sexo não é erotismo fácil, mas crítica à forma como a sociedade regula, vigia e normatiza os indivíduos. Ele expõe o que é reprimido, não para escandalizar, mas para revelar o quanto o desejo é político.

Igualmente, algumas de suas peças abrem-se para a religiosidade, para o mito e para a cultura popular, tornando-se segmentos de múltiplas leituras. O sexo, nesse contexto, não é tema ilustrado, mas instrumento. Em Flemming, a representação é imbuída de palavras, cortes, fluidos e memórias. A junção entre texto e

imagem funciona como fricção erótica: o verbo penetra a carne, e a carne devolve ao verbo sua materialidade. O sexo, entendido como encontro e mistura, torna-se alegoria para a condição humana: permeável, instável, sempre em risco de se transformar.

Na sua obra, sexo e catolicismo emergem como dimensões que se entrelaçam na construção de uma poética marcada pelo humano e pela crítica social. À primeira vista, a

justaposição entre o ostensório e a nudez frontal pode soar agressiva. Afinal, pode um objeto litúrgico da tradição católica – destinado a expor a hóstia consagrada à adoração dos fiéis – conter a imagem do nu masculino? A resposta, porém, talvez não resida na permissão ou na proibição desse gesto, mas na compreensão de que o artista, mais uma vez, coloca o corpo como entidade híbrida, ora mobilizado para explorar sua potência erótica, ora



*Auto Retrato
como Cristo_
Self Portrait
as Christ.*
São Paulo, 2007

acionado para denunciar o controle. É nesse trânsito entre sacralidade e corporeidade que sua poética esgarça fronteiras e desestabiliza leituras convencionais.

Então, o artista dialoga com símbolos religiosos, apropriando-se de imagens sacras e iconografias tradicionais para tensionar os limites entre fé e desejo. A justaposição entre o sagrado e o profano, entre espiritualidade e carnalidade, cria uma tensão estética que convida à transcendência e à materialidade, à fé e ao desejo. Essa apropriação não é devocional, mas crítica: questiona dogmas, expõe contradições e repressão sexual historicamente associadas à religião.

Assim, sua arte celebra o corpo, mas o coloca como arena simbólica, revelando tensões entre liberdade e repressão, desejo e moralidade, espiritualidade e política. O sexo, entendido como junção, contato e fluxo, torna-se chave para compreender sua poética: uma arte que não teme a carne, que não teme o excesso, que não teme o que escorre. Uma arte

que insiste em lembrar que somos indivíduos antes de sermos discursos – e que, justamente por isso, todo discurso é também gesto corporal.

Em síntese, a obra de Alex Flemming evidencia como o sexo, longe de ser simples ilustração, se transforma em operador crítico capaz de excitar a linguagem e o poder. Ao articular colagens, letras e imagens, o artista constrói uma poética que “expõe” (no sentido mais cru), denuncia repressões e afirma novas formas de desejo e identidade. Sua produção mostra que o sexo é objeto estético e, ao mesmo tempo, território político e simbólico, onde se cruzam erotismo, religiosidade e crítica social – tornando o sexo uma chave fundamental para compreender a densidade e a relevância de sua arte.

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA

Doutora em Artes Visuais pela ECA-USP e possui pós-doutorado na mesma área pela UNESP. Mestre pela ECA-USP e bacharel e licenciada em História pela FFLCH-USP, atua como crítica de arte e curadora independente. Atualmente, é professora na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e no CELACC (ECA-USP). Pesquisadora do Centro Mario Schenberg de Documentação e Pesquisa em Artes. É membro da Associação Internacional de Crítica de Arte (AICA) e colabora com diversas publicações, como o *Jornal da USP* e a revista *Dasartes*. Além disso, é editora de *Arte/História* na *Revista Arte & Crítica* e autora dos livros *Schenberg: Crítica e Criação* (EDUSP, 2011) e *Memória da Resistência* (MCSP, 2022).